N.º 155 (3.º)—(277)—6.º ANNO Quinta-feira, 30 de Outubro de 1913 Preço 20 rs.

Semanario de caricaturas a côres, critico e humoristico
Propriedade da Empreza do jornal O ZÉ
DIRECTOR E EDITOR
ESTEVÃO DE CARVALHO
SECRETARIO DA REDACÇÃO
ARLINDO BOAVIDA
ADMINISTRADOR
SERTORIO RAMOS

COMPOSTO, IMPRESSO E GRAVADO
nas Officinas Graphicas do jornal O ZÉ
Rua do Poço dos Negros 81, 1.º

Successor do jornal XUAO

Redacção e administração, R. do Poço dos Negros, 81

Entrada triumhpal em Lisboa

Manolo: — **Sumos tão felizes que ninguem nos apparece!**
Paiva: — **Oh magestade! E' com medo de nós.**

Rebam a AGUA DA CURIA

A's 21 horas de 20 do corrente apeou-se na *gare* do Rocio João d'Azevedo Coutinho. Trazia bigode á Affonso Costa e pera á Antonio José d'Almeida. Duas malas *bombasticas* e um chapeu de chuva. Cobria-lhe o corpo uma grande capa negra, onde se destacava, a branco, a seguinte phrase: *A's três é de vêz!* A guarda fiscal deixou-o passar ufano, mal tendo tempo de revistar as malas. E o homem dirigiu-se para o Hotel de Inglaterra... onde estava seguro porque ninguem se mette com inglezes.

Arranjado que foi o quarto e dispostas as coisas para a primeira voz, o homem agarrou-se ao telephone e mandou ligar para casa do Moreira d'Almeida.

—Está. Quem falla?

—Está lá?

—Valente!

—Victoria!

—E's tu, Moreira?

—Sou, e tu?

—Sou o João.

—E's tu?! O' filho, dá cá um abraço! Então a coisa?

—E' para esta noite. A's duas. Ficas encarregado do commando das guardas municipaes!

—O' filho! Bem sabes que sempre fui um espirito militar. E onde é o encontro?

—A's duas menos dez, no Rocio. Adeus.

—Adeus! Até logo.

João Coutinho esfregou as mãos n'um ar de satisfação. Depois mandou ligar para casa de Cunha e Costa.

—Valente!

—Victoria!

—E's tu, Cunha!

—Sou, e tu?

—Sou o João!

—E's o João? Dá cá um beijo!

—Não te impacientes, homem! A coisa é para esta noite.

—Ainda bem! A que horas?

—A's duas. Ficas desde já nomeado ministro da justiça.

—Ainda bem! E onde é o encontro?

—A's duas menos dez, no Rocio. Até logo.

—Até logo. Vou já fazer a minha primeira proclamação.

—Mais uma vez João Coutinho esfregou as mãos. Depois accendeu um cigarro e mandou ligar para casa de Astrigildo Chaves.

—D'aqui, Valente!

—D'aqui, Victoria!

—D'aqui, Coutinho, E's o Chaves?

—Sou! O' João! Estás por cá? Quando é a coisa?

—E' esta noite ás duas horas. Ficas desde já nomeado commandante da primeira divisão.

—Ainda bem! Estava agora mesmo a fazer um soneto aos militares. Fallava-lhes de Edgar Poë e de Skienkieiocz. Vou já fazer a primeira ordem ao exercito. O encontro a que horas è?

A's duas menos dez, no Rocio. Leva as bombas.

—Está bem! Levo as bombas e o diccionario de rimas. Até logo.

—Até logo!

Voltou João Coutinho a esfregar as mãos. Ligou ainda para casa de Caracoles, PintoCoelho, Lobo d'Avila, Roque da Costa e D. Constancia da Gama, Todos foram immediatamente nomeados. O primeiro governador civil. O segundo, director do Banco de Portugal. O terceiro, director das Alfandegas. O quarto, ministro da fazenda e D. Constança, que não ha festas sem ella, ficou encarregada de fazer o café aos soldados. E a todos aprazou *rendez-vous* ás duas menos dez.

Vejamos agora o que cada um fez em sua casa. depois da conversação ao telephone.

Moreira d'Almeida fez-se de mil e uma côres. Dizia-lhe a mulher:—«Gosto de ti: Tens as côres do heroismo! Anda cá que quero ser para ti o que D. Filipa de Vilhena foi para os filhos!» E vestiu-o de pés á cabeça com cota de malha, calções de malha e etc. de malha. Depois grudou-lhe um bigode, uma pera e uma mosca. Faltavam umas joelheiras, Moreira recebeu-as como um heroe. Depois envolveu-se n'uma capa de borracha e sahiu.

Cunha e Costa ia começar a fazer a proclamação. Mas de repente, assaltou-o um d'esses traiçoeiros incommodos physiologicos e foi fazê-la n'um espaço relativamente acanhado, ouvindo-se já distinctamente o troar da artilharia.

Conscio do valor d'esses documentos e do seu heroismo, Cunha e Costa fez ainda umas tres proclamações d'essa natureza e só depois de têr a vista inflammada é que as passou a limpo. Depois sahiu disfarçado, com o vaccuo na barriga e a monarchia no coração. Cheirava a heroismo.

Astrigildo Chaves deu ainda um torcegão no soneto que estava fazendo. Mas tal esforço, amalgamado com as ideias de revolução que germinavam magnifica, aliás magnesianamente, valeu-lhe uma catarata de poesia que nem o *Morning Post* era capaz de a publicar n'uma semana, a doze paginas por dia. Depois sahiu, muito bem disfarçado exteriormente mas mal podendo disfarçar os rugidos poeticos que lhe iam no interior.

Todos os outros se disfarçaram mais ou menos e sahiram. Já se vê, depois dos incommodos proprios d'estas situações... e d'outras posições. Pinto Coelho, antes de sair, comeu seis padres-nossos quentes e bebeu uma chavena de avé-marias.

Quem levou mais tempo a disfarçar-se foi D. Constança. Queria fazêr-se mulher bonita mas, por mais voltas que d'esse ao miolo do carmim, foi impossivel. Não teve remedio senão de vestir umas calças, enfiar um sobretudo, pôr um bigode e lançar mão d'uma pêra. Depois sahiu e era tanta a fealdade que a lua escondeu-se por traz d'uma nuvem.

João d'Azevedo Coutinho, depois de dar tréla a toda a gente da sua côr, disfarçou-se o mais que poude. A' uma e meia da manhã, sem coragem para se metter em alhadas, alcançou o telhado do hotel e passou-se para o telhado do Martinho, d'onde podia á vontade gosar o espetaculo.

....

Duas horas menos dez. O largo do Rocio está deserto. Todavia, se a providencia se dignasse dar um sopro de vida ao bronzeo D. Pedro IV, este veria, do alto da sua columna, que n'um dado momento, de todas as ruas que desemboccam na praça, uma cabeça assomou, muito cosida com a parede.

E veria tambem, se em logar da *carta* que tem na mão tivesse uns oculos de grande alcance, que a cabeça que appareceu no largo de S. Domingos era a de Moreira d'Almeida; que a da rua do Amparo era a de Cunha e Costa; que a da rua da Betesga era a de Astrigildo Chaves; que a da rua do Amparo era a de Caracoles; que a da rua do Ouro era a de Lobo d'Avila; que a da rua do Carmo era a de Roque da Costa e que a da calçada do Duque era a de D. Constança.

Mas a providencia não quiz que D. Pedro visse. E foi por isso que não se mexeu quando todas essas cabeças se recolheram n'um movimento distincto as verem entrar na praça, pelo lado do largo de Camões, um bebedo que não dizia palavra, tamanha era a pertinacia em seguir pelas faxas pretas que ornam o chão do Rocio.

Chegado a um dos Lagos, ou porque o empedrado negro acabasse ou porque a visinhança da agua lhe mettessem pavor, o bebedo cahiu.

Por todas as esquinas um fremito de de receio passou e a um tempo todas as boccas murmuravam:

—« O homem vinha cambaleando; provavelmente vinha ferido. Cahiu morto. De modo que a coisa não é tão bonita como a pintam.

Deixa-me pôr o corpo ao fresco, antes de qualquer avaria...»

E todos os heroes desappareceram, cortando por becos e travessas.

João Coutinho tinha visto o bebedo e julgou tambem que o homem ia ferido. Perdeu a côr. Quando observou que, de vez em quando, um vulto entrava rapido na estação, perdeu o equilibrio e despedaçar-se-hia cá em baixo se o toldo do Martinho que, por esquecimento não fôra enrolado, o não tivesse amparado na quéda. Depois, meio maluco fugiu para a estação.

Estava a partir um comboio para o norte. Os nossos heroes já lá estavam mas não se reconheceram. Os bilhetes para Vigo tiveram n'essa noite grande sahida. Juntaram-se no mesmo compartimento; não trocaram, porém, palavra. Dizia cada um:—«Pódem sêr secrétas. E' precizo cuidado.»

Ao passarem a fronteira, deram, ao mesmo tempo, um ah! de alivio e as extremidades inferiores das espinhas dorsaes começaram funccionando regularmente. Os bigodes e as pêras foram descolados ao mesmo tempo.

Cinco minutos de estupefacção geral e agora é vêr quem mais falla! Desataram a apodar-se de cobardes e cada qual pretendeu insinuar aos restantes que tinha estado no Rocio ás duas menos dez.

O comboio chega a Vigo. Os heroes são esperados por Paiva Couceiro que os saúda com uma gargalhada homerica. Depois foram para o hotel, ondo almoçaram á sombra da arvore da victoria. *Amen.*

N'essa mesma noite, em Sigmaringen, D. Manoel fazia uma serenata á porta do quarto de sua noiva, fechada por dentro a duas voltas de chave.

Cantava D. Manoel:

> Abre-me a porta do quarto,
> Anda, sê minha amiguinha,
> Porque esta nova incursão
> Deve fazêr-te rainha!

Respondia a noiva:

> Julgas que eu sou a Gaby
> Que te chamava lúlú?...
> Não me falles de incursões,
> Que a mim não me incursas tu!...

Feliz successo

Dizem que o Moreira d'Almeida quando soube que estava tudo perdido, mandou chamar a parteira.

Mas, afinal, o parto foi um simples defluxo...

Os grandes fogem

Balanço da conspirata:

Azevedo Coutinho em Vigo; Cunha e Costa em Badajoz; Moreira d'Almeida idem, idem, etc.

E' certo: os pequenos é que se amolam!...

Bebam a AGUA DA CURIA

Na brecha...

Os ultimos acontecimentos, deram ao governo uma enorme força, revigorando-o. Os loucos que pretendiam restaurar um regimen morto, não se lembraram que um povo que já viu o sol da liberdade, não podia secundar um movimento que tinha por fim fazer-nos recuar aos tempos dos frades e dos jesuitas! A republica em tres annos criou raizes no coração do povo, o que a monarchia não conseguiu em nove seculos, incluindo os 80 annos de constitucionalismo. Além d'isso, a monarchia é o passado; a republica é o futuro. Aquella nunca conseguiu democratisar-se e por isso não acompanhava os povos na sua evolução de progresso. Basta dizer, que o nosso povo, ainda hoje é o mais atrasado da Europa. A republica, desembaraçada das tempestades politicas, proseguirá ovante na senda do progresso. A sua missão historica é importante e hade trazer-nos uma felicidade relativa, pela qual todos anciámos. A' justiça são entregues aquelles que conspiraram contra o regimen implantado. O que é necessario, é que se punam os culpados, sem delongas e que os innocentes sejam postos em liberdade, sem demora. Os chefes, que arrastaram na sua criminosa acção, uns pobres diabos, soffram as consequencias da sua feia acção; haja porém benevolencia com os desgraçados que foram levados ao crime, illudidos por aquelles.

Cumpra-se a lei e não se sáia da orbita da sua acção.

*

Parece que ha para ahi quem faça a apologia da pena de morte, julgando que essa pena serviria de obstaculo ao crime. Não concordamos com isso.

A monarchia aboliu essa pena, que não era mais do que *punir o crime com outro crime* e a republica que aboliu essa pena no codigo militar, sujava as paginas da sua legislação com esse odioso processo de punir, levando aos estrangeiros a convicção de que em vez de caminharmos para a luz, para o progresso, retrocediamos aos tempos barbarescos da força! Não e não, não pode ser. Justificam-se as medidas governamentaes perante os factos e até é uma consolação vêr todos os republicanos darem treguas ao governo, unindo-se para defender a republica, facto que não se dava entre os monarchicos, que nas suas luctas politicas se esfacelavam, esfacelando ao mesmo tempo o regimen, sob cuja bandeira serviam. Quaes foram os monarchicos que em 5 d'outubro defenderam essa monarchia que ha pouco queriam restaurar? Proclamada a republica, que elles não repeliram, agora só lhes resta aceitar o actual estado de coisas, retirando-se á privada.

Foi revogado o regulamento sobre a licença para dançar nas sociedades particulares. Ninguem aceitava de bom grado tal exigencia, pois a irmos por esse caminho, na vida portugueza, para a mais pequena e ligitima acção individual, seria necessario licença e sello!!! Inda bem que as auctoridades reflectiram e voltaram a permittir *o pé de dança*, depois da uma hora!

Aquelle regulamento prestou-se a uma critica alliás muito justa, sendo certo que ninguem o aceitava de bom grado, pois os successos que se teem desenrolado já dão margem a restingir as liberdades individuaes, quanto mais pôrem peias ao *pé de dança*... Isso é que não é justo! O que haviam de dizer as raparigas e os rapazes que tanto gostam de *dar á perna?*

*

Gasta-se tanto dinheiro inutilmente, ha verbas no orçamento que podiam ser cortadas por desnecessarias; ha outras que podiam ser attenuadas e agora vemos que as pessoas encontradas por ahi doentes, sejam obrigadas a ir até para o hospital, porque não ha verba para pagar o seu transporte.

Isto não deve ser assim, porque toca as raias do ridiculo! As auctoridades teem que reflectir n'este assumpto, pois os civicos não teem competencia para averiguar se as pessoas n'aquellas condições podem ou não ir para o hospital por seu pé. O cumprimento de tal ordem póde até resultar para os enfermos um grande perigo, isto é, chegarem tarde ao hospital para que ali possam ser soccorridos a tempo.

Se não ha verba para este serviço, arranjem-na; vão busca-la onde a haja, mas os soccorros a pessoas necessitadas, devem ser promptas e rapidas.

Outra: nos nossos hospitaes, a miseria de certos artigos necessarios é tão grande que, por não haver o material preciso, não foi radiographado um enfermo, embora os medicos julguem esse trabalho necessario para o bom fim do seu tratamento. No entanto os hospitaes são largamente subsidiados pelo Estado. Nos tempos da ominosa tambem se dava estes factos, que não pódem nem devem continuar.

Jean Jacques.

Fado do Penacho

Parodia ao **Fado do Ciume**
(com a devida vénia)

A. C. — Porque é, vem-me explicar
Que queres ganhar
As eleições?
B. C. — E' para depois eu ver
Se o poder
Pode conter
Todos os meus tubarões.

A. C. — Eu tenho bem agarrado
Acorrentado
O meu penacho
B. C — Mas elle há-de-te fugir
E há-de vir
Cá p'ras unhas do Camacho

A. J. A. — Se o consegues agarrar
O que é que fazes depois?
B. C. — Deixa, que se o apanhar
Ha-de ser p'ra nós os dois.
(bis)

Zérro Drigues.

O tenente Astrigildo

Tendo sentado praça no Limoeiro, armou em conspirador a *rica prenda.*

A *purria* monarchica nomeou-o tenente (!!!) e o atrevido figurão já tinha farda, como se o exercito portuguez acamaradasse com tratantes.

Foi preso e dizem que com aquellas «gracinhas» com que andava ha annos a fallar nas sessões do Registo Civil, disse aos photographos dos jornaes:

«Gentes photographos, aqui me tendes. Podem photographar-me.»

Alem dos outros predicados daria tambem o nogento Astrigildo em chamar «gentes» aos homens?

Credo!

Que vaidade, senhor tenente!

Pobres homes

A certo Cornelio

Surgiram «conspiradoras»
Na *conspirata* de prompto,
(Femeas sem serem *doutoras)*
Deixando assim taes *senhoras*
De dar em casa o seu ponto.

Pobres maridos, coitados!
Que aturando essas marotas
Que veem apoquentados
Por taes *puras* bem tramados
Tendo as meias todas rotas!

Ox.

O nosso confrade «A Lucta» poz todo o carrilhão a repenicar, porque os de Paio Pires participaram haver lá completo socego, não occultando contudo o receio de que tenha havido serias complicações em Maçãs de D. Maria, por não ter d'ali recebido noticias, nem mesmo pela T. S. F.

Pois fizésse como nós, que mandamos um proprio a Alhos Vedros em dirigivel, para nos pôr ao corrente do movimento das tropas de Azevedo Coutinho a par e passo que destacávamos uma esquadrilha de submarinos para a Moita, não fosse o diabo surdo que d'ali viesse algum super-**esporadico,** que fisesse das suas.

•

Todos os nossos leitores sabem que o rei de Hespanha quando nasceu, já era capitão General do exercito hespanhol, o que o torna o mais antigo de todos os generaes da Galiza enquanto fôr rei.

Disse este grande pandego, que se algum dia se proclamar a Republica em Hespanha, póde ella contar com o offerecimento da sua espada.

Então o sr. D Affonsilho já sabe em que posto seria recebido nas fileiras da Republica?

Em cabo d'esquadra, já estaria com muita sorte e os cabos não usão espada, mas sim espingrada egual ás que foram deixadas pelos couceiristas e estão em exposição no museu d'artelharia.

•

Podemos dar graças ás tres Graças e ainda a todos os santos, santas, anjos e marmanjos celestiaes por não permitirem que a Hespanha venha a ser Republica, porque se assim não fôra, dispondo então da espada do *Hijo de su madre*, e este sem as preocupações e afazeres da reinação, não haveria recanto no globo onde não chegasse o echo das façanhas de tão celebrado cabo de... de... de vassoura.

•

Os italianos alargaram o sufragio, tornando os analphabetos eleitores, e vae os novos eleitores, disseram ao governo que metesse os votos no... sacro... colegio.

Bem feito!

•

Os de Faro querem um caes acostavel. para facilidade de desembarque de passageiros e mercadorias.

Talvez contem com a chegada de forasteiros de polpa.

•

Como se esplica a existencia d'armas no forro ou soalho da cadeia do Limoeiro, sem cumplicidade do pessoal empregado no palacio do Conde Andeiro?

•

Sabemos d'um colega que fêz uma tiragem de 40:000 exemplares, julgando que éra tudo a entrar, vai senão quando, a venda não chegou a metade.

Que grande achatadella!!

Leva seu tempo, mas vai indo.

Abelha Mestra.

Attenção.

Povo falto de instrucção,
Nas industrias atrazado,
Do seu campo cultivado
Não colhe o preciso pão,
E' um povo desgraçado!
Se no util não educa,
E não for bem governado,
Seu podério se caduca!

Um velho.

Comparação

O rei de Hespanha disse que offerecia a sua espada á Republica, se ella se implantasse.

O de cá foi mais heroico. Deixou espada, fardamento e tudo, e marinhou por aquelles muros do jardim do palacio com mais destreza do que uma lagartixa sem rabo.

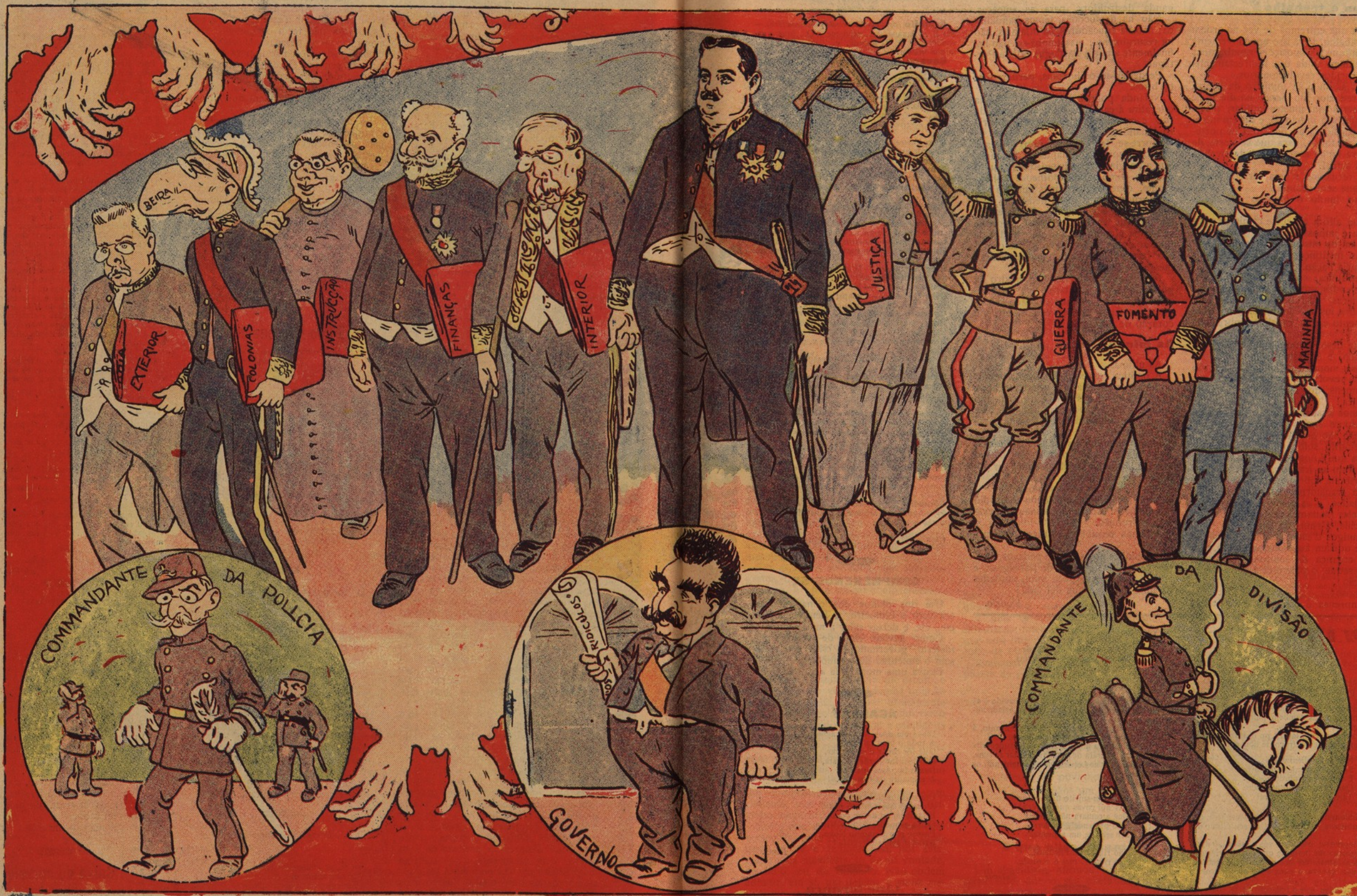
Um valentão o marido... sem mulher!

Caixa do correio

A. Feirral — Como todas as perguntas teem resposta, dir-lhe-hemos que o não apparecer o sacco é pelas nossas informações o tal homenzinho destribue a téca por gente necessitada, no emtanto caso possa apurar o contrario, informe-no que não teremos contemplações.

Fabião — E' de primeira ordem. Vae no almanach — Mande mais. Não se esqueça. Muitos mercis.

REMEMBER, Grande Champagne

O ministerio thalassa e a sua trenpe de confiança

Eis a tropa fandanga que se dispunha a governar o paiz!!!

As minhas notas

Ordem e trabalho

«Para que entremos de vez na ordem e no trabalho. Para isso era conveniente tambem que as oposições republicanas não ajudem, ainda que indirectamente, esses pruridos revolucionarios.»

Falou assim o sr. ministro da guerra a um redactor do *Seculo* no dia 21, e as palavras do illustre militar, n'este momento, são preciosas, e devem merecer a consideração de todos os portuguezes, de todos, para que se afaste, de vez, para longe essa negrura terrivel da politica actual.

Nós recuamos n'uma carreira louca, e o baque será grande.

Lá ao fundo o abysmo e n'elle a morte.

Erguer alto a cabeça e caminhar para a frente é impossivel.

Surgem os obstaculos, não dos inimigos das instituições, mas dos inimigos da propria nação.

A republica, com o 5 de Outubro, desfez lendas, amalgamou consciencias, creou féras, derrubou homens, e fez lançar uma insinuação infame sobre cada pensamento e uma canalhice sobre cada obra.

Treme desoladoramente o edificio democratico, e é pasmoso, é vergonhoso que esse monumento colossal, erigido por uma revolução, oscile ante as luctas dos homens, dos amigos, dos filhos da Republica!

Estamos assistindo a um espectaculo horrendo, e agora já não é a Republica, já não são os caudilhos. E' a Patria, este bemdito solo amado, este pedaço de terra que é nossa! E' ella, para quem se voltaram as iras, o veneno!

A' tribuna sobem arruaceiros, a conferencia transforma-se n'um campo de hostilidades, e as palavras que reboam pelas salas incitam á rebelião, á revolta, á anarchia, á ruina da Patria.

Os amigos d'esta republica odeiam, e porque odeiam faz-se crer ao povo, essa eterna creança de sempre, que o paiz está a saque, o paiz está á beira da intervenção!

Pasmoso!

A imprensa é o logar para a propaganda destruidora, para as ameaças.

Não ha democracia, temos bandalhice; não ha educadores, ha infamias; não ha resurgimento, mas tomba-se; não ha, finalmente amor á Patria, ha odio a Portugal.

Perderam-se os homens, perderam-se os brios.

Nefanda politica, horrorosa tragedia que atira á cara dos homens a lama da rua e apunhala pelas costas a propria nacionalidade.

Morre-se lentamente, morre-se aos poucos, morre-se olhando o passado, que a imaginação revive, distante, muito distante, como n'uma apotheose deslumbrante, espectaculosa, mas que um veu de lagrimas, quasi torna densa.

Morre-se, é o suicidio. Mas tremendo, porque se cae enlameado, porque se tomba aos impulsos desnorteados de uma anarchia sanguinaria, n'uma confusão terrivel de odio, n'um estremecimento de descredito!

Por isso as palavras do ministro da guerra hão de escutar-se em cada recanto do paiz, porque em cada portuguez tem que existir, estremecer, um coração de patriota.

As minhas notas

As ultimas.

A politica venceu o ideal, e n'um paiz onde a consciencia tem que bandear-se ao primeiro que surge, e o jornalismo possue a inconstancia das vestaes... de viela, esta *secção* não tem nenhuma razão de existir.

Aqui. valha-me isso, havia um ideal: Amor á minha nação. A defeza de um principio que eu reputava bom: Ser politico pela republica.

Mas... não posso continuar.

Superior á Patria colocou-se o odio aos homens. Acima do principio elevase a corrupção.

Sejamos republicanos mas nunca politicos.

As minhas notas! Eram pedaços, muitas vezes, de orgulho de portuguez, e afinal, são agora, para mim, saudades de uma illusão a que dei vida!

Vinicio.

O SEMICUPIO

(CONTINUAÇÃO)

SCENA V

Armelio, conselheiro, Banana, Rita dos Tormentos e Amalia

Armelio *(aos gritos, correndo pela scena fóra).*— Sôr B .. Banana, s... salve-me... Q... quero esconder-me. O' da guarda, v... vem ahi a m... minha mulher.

Banana *(tentando acalmal-o).* — Então, sr. poeta...

Conselheiro *(idem)* — Armelio, que medo é esse?

Armelio *(escondendo-se debaixo da secretária)*— E' que ela v... vem que nem uma b .. bicha, ai, ai, q... que eu m... morro. *(Em scena começa a cheirar horrivelmente mal, os espectadores tapam os narizes).*

Rita *(entrando seguida de Amalia)* — Esposo meu, onde estás? *(gritando como possessa)* Armelio! Armelio!

Amalia *(sempre atrás d'ella)*—Minha senhora, tenha dó de mim. .

Conselheiro *(tambem atrás)* — Acalme se, Rita.

Rita—Onde está o Armelio? diga.

Armelio *(do seu esconderijo, numa súplica, puxando a sobrecasaca do conselheiro)*—V... não diga q... que eu estou aqui...

Conselheiro—O Armelio está comnosco.

Banana - Não tem razão para se apoquentar, minha senhora...

Rita *(sentando-se)* — Já alguem lhe pediu satisfações, seu cára de cará... ça?..

Banana *(á parte)*—Muito delicada...

Rita *(ofegante)* — Desaperte-me, conselheiro, desaperte-me, que eu abafo com calor. .

Conselheiro—Não sei se parecerá mal...

Rita *(numa excitação nervosa)* — Desaperte-me, já lhe disse!

Banana *(muito amavel)* — Se v. ex.ª quer... eu desaperto-a...

Rita—Ora o finório...! Vá desapertar a burra da sua mulher.

Banana *(dando um pulo)*—Burra será você...

Rita *(atirando-se a elle ás dentadas)* — Ah! tratante. Assassino! Lagosta! Pois tu ousas offender-me?!

(Luctam os dois: grande borborinho, cadeiras cáem, o conselheiro, que vem para os apartar, é projectado no chão, o poeta sáe do esconderijo e começa a malhar na mulher).

Conselheiro *(erguendo se)*—Mas que loucura a tua, Rita! Que loucura! Acalma-te. .

(Rita tem um ataque de nervos; esperneia, grita, dá saltos como o «homem macaco», até que por fim vem cahir exhausta sobre uma cadeira. Todos lhe acodem; ella perde os sentidos).

Armelio *(continuando a esmurrar a «cara metade»)*—Agora é q... que é.. malhar nella que... que não b... bóle...

(Continúa).

Manuel Chagas.

COMPREHENDE-SE

Um dos planos dos conspiradores era abrir o Limoeiro, a Penitenciaria e etc., etc. e deixar sahir a malandragem,

Como haviam elles de arranjar ministerio, governadores civis e o resto sem o concurso de gatunos?

Ficava uma monarchia á altura!

AGARRA!...

Dá-se um *doce*, a quem achar,
A todo o bom rabulista,
Que fôr capaz d'encontrar,
Mas sem lhe perder a pista,
Desde já possa agarrar
A esquadra da Boa-Vista!

Um aviso dou de novo,
A'quelles que tenham pista,
E tambem ao nobre povo,
Que a esquadra da Boa-Vista
Passou p'lo Caminho Novo,
Atraz d'uma suffragista!

Diniz.

Que ternura

Alguns conspiradores disseram ter voltado a Portugal por «saudades da Patria»!

Credo!

Levantou-se-lhes agora o amor da Patria! Tarde piaste.

MÁ LINGUA

(SIGNIFICATIVO)

A maioria dos conspirantes era composta de padres, policias, patetas e pupilos do invertido bispo de Beja.

A sua força estava toda nos pp., havendo nas hostes monarquicas tambem pulhas, patifes, pífios e algumas donas Puras.

— Pois nem com tantos pp o *Manolo* fez as pazes com a mulher, a troco de uma corôa!

Não se arreliem vocês,
Seus monarquicos de borra,
E vão-se agarrando aos pp
Que por gralha d'um indez
Talvez o *P.* inda corra!

*

Um immundo pasquim catholico-jesuitico, que ahi se publicava, escreveu isto, no seu ultimo numero:

«A imprensa, presa de pés e mãos, só diz o que a censura lhe permitte que diga, e vive emquanto a chusma alvar dos maltrapilhos ignorantes lhe não quebra a pena e lhe não destroe os bens.»

Ora succedeu que a redacção da tal folha era na séde da ridicula Juventude Catholica, onde ha dias foram presos os masmarros e os *lindos* mancebos que lá estavam a tramar alguma *partidinha* contra a Republica.

Pois, vendo-se pela leitura do pasquim e pela attitude dos figurões, um dos quaes chamou á bandeira da Patria «os farrapos de um trapicalho verde», que ali não se tratava só de rezar, a senhora policia pôz os figurões em liberdade!

Vae bem n'esse papel!

E' *tramar*, pois, á vontade
Com os seus fins encobertos,
Porque a D. Liberdade
Lá está de braços abertos.

*

Com este lindo tempo que tem havido e as contínuas chuvadas é que se vê bem o estado miseravel das ruas da baixa.

Muitas estradas das peores são um encanto, á vista das ruas de uma capital civilisada.

A nossa camara municipal, com o «superavit» na cabeça, não trata de mandar calcetar as ruas, dando que fazer aos operarios e contentando os municipes.

Ora bolas!

Parta um sujeito uma perna
Nas mil covas que ha p'r'ahi,
Que a camara não é terna
E só pretende á moderna
Ter sempre um *superavic*.

Não rima com f'licidade,
Não rima... mas é verdade.

Orlando

CONSPIRADOR

Esta da policia provar que o Monteiro Milhões não é conspirador, é de primeira ordem!

Ora essa! Então não conspira contra... o socialismo financeiro?...

Sextettos

I

Desde os concertos pela grande orchestra de Blanc, e depois d'aquela arrojada tentativa de Leopoldo O'Donnell, apresentando uma orchestra de arcos no Salão da Trindade sob a regencia de J. Henrique dos Santos, a musica entre nós limita-se aos sextetos dos animatografos, ás bandas militares nas praças publicas, e... aos pianos das meninas que estudam.

Pode quasi afirmar-se que tememos, que o publico receia *escutar* musica, e quando elle assim se manifesta, a melhor prova da sua *educação* musical está claramente exposta n'esse receio.

Nós temos artistas estudiosos, trabalhadores, mestres consagrados, verdadeiras, celebridades... lá fóra.

Cá dentro isso para nada vale, porque não temos publico para elles.

E' uma verdade, é uma vergonha, mas é um facto que desgosta profundamente um artista, se este possue em si uma *alma* que só elle sente e que mais ninguem sabe comprehender.

Um exemplo, a confirmar as minhas considerações, está patente na indiferença do publico ante os sextettos dos animatografos.

São grupos caros.

Esta razão não é bastante, creio eu, para valorisar a sua qualidade artistica, porque ha quem diga que a *tabela* exige boa paga.

Mas os grupos a que me refiro são caros, e se a isto dou vulto é unicamente para encarecer o arrojo das Emprezas, sustentando esses grupos apesar da tal indiferença. . criminosa do publico.

Um sextetto, tal qual como os salões de Lisboa os apresentam, é um verdadeiro conjuncto de arte, onde se faz musica, onde se encontra uma coisa extranha, deliciosa, que nos enleva, e nos faz conhecer a beleza emocionadora espalhada pelas paginas dos grandes mestres compositores.

São assim os sextettos dos animatografos, tres ou quatro, que, afinal, raros escutam, e raros sabem comprehender.

Ha culpabilidade da parte das Emprezas, que não sabem educar o seu publico?

Só um inquerito, uma ligeira conversação com emprezarios e artistas me concederia a certeza para esclarecer esta duvida.

Todavia, ajuizando pelo que escuto, e pelo que tenho visto, a minha opinião propria está feita, e posso afoitamente lançal-a á publicidade certo como estou de ter conseguido observar e estudar as causas da indiferença do publico.

Porem, um receio grande me torna reservado: — O melindre. Os artistas, os grandes homens, ou aqueles que assim se julgam, conhecem todos os celebrados compositores... mas nunca leram Bonalde, que disse: — A razão é a primeira auctoridade.

Entre nós, no jornalismo, ou nas conversações, uma apreciação *justa* a qualquer artista é sempre tida, por este, como uma manifestação de má vontade, de odio, ou de despeito. Não podem admitir, em si, um defeito, e *muito menos* que esse defeito seja apontado por um estranho, por alguem que veja... de fóra.

Por isso, limitando-me a uma ligeira referencia aos sextettos, só tenho em vista uma apreciação aos mesmos e um incitamento ao publico, a esse grande Juiz... como o alcunharam, pois só elle pode reconhecer o sacrificio das emprezas *escutando* esses excelentes grupos musicaes, e prestando uma atenção mais propria, exclusivo de... pessoas bem educadas, a esses cultores da divina arte.

André Deed.

(Continúa)

O Ministerio

Foi encontrada uma lista,
Na carteira d'um thalassa,
C'o governo *miguelista*
Da monarchia devassa.

P'ra o *reino* que tem bom fim
E da *troupe* presidente,
Ia o *Visconde Cantim*,
Que para isso tem bom dente.

Preciso era p'ra a justiça,
Um que fosse de bravata,
Por isso era de cubiça
Ir o *Petiz das Gravatas*.

P'ra a pasta dos Estrangeiros
Devia vir de Ferrol,
Não d'aquelles aguadeiros,
Mas sim um tal *Hespanhol*.

E p'ra ministro da Guerra,
Vae *Pé léve*, que é *Doutor*,
Pois sabe roubar em terra
E *pesca* d'aviador.

Para as pastas que hoje são,
Das Finanças e Fomento,
Não havia nomeação
D'um qualquer recto *talento*:

A lista nada mais tinha,
Que nos podesse mostrar;
Saia o sabre da bainha
E vamos todos marchar!

Diniz.

Theatro da Rua dos Condes

Realisa-se hoje n'este theatro a estreia da actriz *Filomena Lima*, representando-se a muito applaudida revista *Peço a palavra*.

A empreza d'este theatro teve a amabilidade de dedicar esta recita á imprensa de Lisboa, e enviar-nos um convite, que muito agradecemos.

Cartas abertas

Depois de tanta exploração com as taes *cartas* consta que vae sahir uma que é a unica rasoavel.

E' uma carta-aberta ao dr. Miguel Bombarda, infelizmente já fallecido, mas que será tida na devida conta pelo dr. Julio de Mattos.

Realmente isto tudo está a pedir capacete de gelo!

AUTHENTICO

Bebendo um copo de vinho
Berrou-me o Lucio Cadete:
Vendo isto n'um tal caminho
O famoso Zé povinho
Não tem ás mãos um cacete?

Lucas.

O que elles dizem

Um almeidista, afirmou ha dias, em certo sitio, que o seu chefe fora para Evora porque não podia assistir á prisão de tantos innocentes.

Era capaz de dar o corpo e oito tostões para que a conspiração não produsisse victimas.

Victimas... (para elle) só os doentes dos paizes quentes.

O ZÉ no theatro

E' no dia 1 que se inaugura o **Republica.** O reportorio d'esta epocha é o mais completo que a empreza tem organizado, figurando n'elle originaes dos nossos primeiros auctores dramaticos e tendo ainda a epocha o bello apperitivo dos concertos Blanch. Igualmente no **Nacional** a epocha se apresenta promettedora, estreando com uma peça admiravel a — «Honra Japoneza». Depois de soffrer importantes modificações, abriu as suas portas o **Gymnasio** e aquella sala, que nós conheciamos triste e pesada, está agora alegre, bella, garrida. O seu reportorio é muito attrahente e destaca-se a peça, do conhecido comediographo André Brun, «A visinha do lado», comedia de muitissima piada que faz rir o mais sisudo e que aconselhamos aos leitores. Pela **Trindade,** só ha a notar casas á cunha, sendo a notavel cantora Maria Judice applaudida com delirio todas as noites, e, no **Apollo,** escusado será dizer que o «Sonho Dourado» continúa e... continuará em scena. Peça de uma riqueza de scenario maravilhoso, de musica maviosa, de scenario bello, e de enredo engraçadissimo, cahiu em cheio no agrado do publico. O **Avenida** vae ter um successo com a opereta, dos festejados auctores portuenses «Flôr da rua», tanto mais que a empreza se esmerou na sua montagem e a entregou a um grupo de artistas muito completo, em que brilha Etelvina Sena, a insinuante artista tão querida do publico. A famosa revista «Peço a palavra» está em scena no **Rua dos Condes,** sempre com applausos do publico, que não se farta de rir com a graça de Alvaro Cabral, que é inexgotavel e sempre original. Estará no cartaz ainda muito tempo e por isso felicitamos os leitores. O **Moderno** abre a 7, com a revista «Grotescos», de Carlos Machado e com um elenco que promette dar boas casas. O **Infantil** reabre hoje e é vêr a companhia infantil que ali funcciona e que tão engraçada é. Propositadamente deixamos para o fim o **Coliseu dos Recreios.** As suas ultimas estreias causaram optima impressão. São as maiores attracções que entre nós se teem apresentado. Les Mascotes conquistaram applausos calorosos com o seu trabalho valoroso; as sisters Merwald, em força dental, são prodigiosas e os acrobatas Dourek's, que trabalham em andas, são engraçadissimos. O **Coliseu,** longe de desmentir as suas tradições, tem n'esta época revigorado o seu credito de casa de espectaculos, que só proporciona programmas optimos.

CINÉS

Chiado Terrasse — Primorosas as sessões de hoje no Chiado Terrasse, cuja empresa apresenta, fitas de grande metragem.

E' um espectaculo verdadeiramente extraordinario.

Central — Bellas as sessões d'hoje n'este salão. O programa do sextetto organisado com fino criterio artistico.

Trindade — Hoje mais uma noite de gloria para este cine. Triumphos e sempre triumphos e mais triumphos.

Olympia — Curiosissimas as matinées roses d'este salão. Muito finas de programa e muito elegantes de assistencia. Vae dar 6 concertos de musica de camara que se anunciam com sucesso. Assim é de esperar.

Loreto — Todas as noites fitas falladas de sucesso e novidade. Drama, tragedias que arrebatam a assistencia e entusiasmam loucamente.

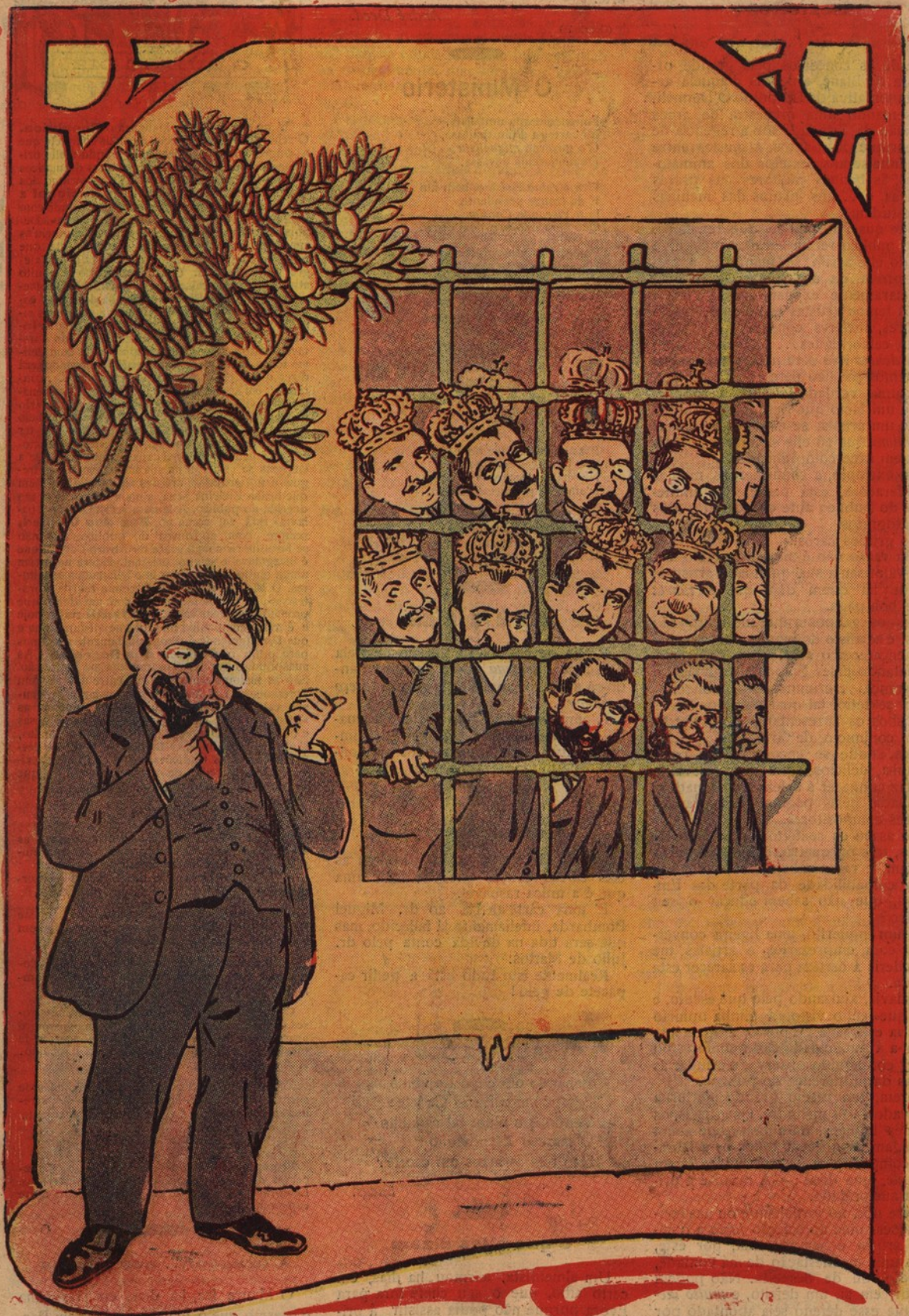
No Trindade

Proseguem as estreias de sensação e os concertos do sextetto continuam muito festejados. Lembrar este salão é proporcionar uma noite esplendida.

Coragem... nas pernas

O Maura fez, ha dias, em Hespanha o mesmo que o João Franco fez em Portugal.

Não admira! Todos os monarchicos, hespanhoes ou portuguezes, sabem muito bem ter coragem no momento opportuno... para fugir.

Grande victoria monarchica

—Foi a unica praça forte que conquistaram—(a sombra).